

O “HÁLITO” DA LEITURA: DIFERENTES POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E BIBLIOTECÁRIOS COMO MEDIADORES DE LEITURA LITERÁRIA

CILENE ALVES DE OLIVEIRA

Mestre em Biblioteconomia – UNIRIO

Assistente da Gerência de Mídia-Educação, SME-RJ

Professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro

cileneoliveira@rioeduca.net

LUCIANE DE ASSIS ALMEIDA

Mestranda do PPGEB – CAP UERJ

Integrante da Gerência de Mídia-Educação, SME-RJ

Professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro

lucianealmeida@rioeduca.net

RESUMO: A leitura literária configura-se como ação de natureza artística, prezando, geralmente, pelo prazer da fruição. Pode ser, também, espaço de diversidade cultural e temática, ao expressar ideias de diferentes modos, em vários meios/suportes. Além disso, permite vivenciar emoções que nos fazem explorar experiências, sonhos e segredos. Assim, entende-se como imprescindível a plena integração dessa modalidade de leitura às práticas escolares, desejando que se insira, de fato, às demais práticas sociais, uma vez que se constitui atividade humana. A partir de um contexto social como o nosso, que aponta número ainda incipiente de leitores (quase metade dos brasileiros não lê, segundo o último levantamento da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil), perguntamo-nos: *como se formam leitores?* A partir dessa indagação, organizamos as ideias que tecem este trabalho, tendo como objetivo geral apontar diferentes possibilidades de formação de professores e bibliotecários como mediadores de leitura literária. Esse objetivo desdobra-se em três especificidades: exemplificar ações de mediação de leitura literária vivenciadas nas escolas e bibliotecas escolares da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro; apresentar ações de formação continuada de professores e bibliotecários como mediadores de leitura, como: oficinas de leitura, eventos relacionados ao universo literário, clube do livro e encontros frequentes para troca de experiências; reconhecer o professor e o bibliotecário como os profissionais mais qualificados para a mediação de leitura com crianças, jovens e adultos. O estudo caracteriza-se como pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza aplicada. As escolhas teóricas levam em conta as referências mais recentes e qualificadas das áreas estudadas, como Reyes, Castrillón e Cagliari, entre outros. Como inspiração, tomamos emprestadas as palavras do saudoso Bartolomeu Campos de Queirós, que afirmava que é preciso ter “hálito” de leitura se o que se deseja é formar leitores.

Palavras-chaves: Leitura literária. Mediação de leitura. Formação continuada.

ABSTRACT: Literary reading is configured as an artistic nature action generally pursuing the pleasure of enjoyment. It can also be a space of cultural and themes diversity when expressing ideas in different ways and in several ways/support. Moreover, allows us live emotions which makes us explore experiences, dreams and secrets. Therefore, we consider essential the full inclusion of this reading modality in the school practices, willing that it may be actually inserted in all other social practices, once it constitutes human activity. Out of a social context as we have, which shows an incipient number of readers (almost half Brazilians cannot read according to the recent research *Retratos da Leitura no Brtasil*), we ask ourselves: how can we form readers? From this enquiry we organized ideas that weave this work, having as the general objective point different possibilities for teachers and librarians training in order to work as literary reading mediators. This objective develops into three specificities: exemplify mediation actions of literary reading experienced at schools and libraries of the Public Municipal Schools of Rio de Janeiro City; present actions of continuous training for teacher and librarians as reading mediators, such as: readingh workshop, events related to the literary universe, book club and frequent meetings for exchanging experiences; recognise the teacher and the librarian as the most qualified professionals for the reading mediation with children, young people and adults. The study is characterized as a qualitative approach research, applied work. The theoretical options take into account the most recent and qualified references from the studied areas, such as Reyes, Castrillón and Cagliariari, among others. As inspiration, we choose the words of our late Bartolomeu Campos de Queirós, who said that it is necessary to have the "breath" of reading if forming readers is what you wish.

Keywords: Literary reading. Reading mediation. Continued Training

1. INTRODUÇÃO

Nós falamos para a criança ler, mas ela não tem livros em casa. Como se não bastasse, o pai, a mãe e os avós só assistem à televisão. A criança é um ser da imitação, é esperta e quer ser igual ao adulto. Se a sociedade não é leitora, acho muito difícil a criança gostar de ler. Nem mesmo o professor é leitor. E o professor que não tem "hálito" de leitura não pode formar hábito de leitura.

Bartolomeu Campos de Queirós (2007)

O último levantamento da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, cujo objetivo é conhecer o comportamento leitor e as condições de leitura e de acesso ao livro pela população (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2015, p.8), constatou que atualmente apenas 1 em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática. Um número de leitores bastante insuficiente. Outro dado mostra que, entre os principais estimuladores da leitura, destacam-se os pais/responsáveis, que compram os livros para crianças ou lhes contam histórias. Os professores também são apresentados como responsáveis pelo incentivo à leitura.

É importante assinalar que na maioria das vezes o primeiro acesso ao livro é feito na escola, já que é lá que grande parte da população aprende a ler, fazendo da instituição escolar "agência de letramento das mais importantes" (SILVA; MARTINS, 2010, p.26). Nesse contexto, emerge o espaço da escola pública, capaz de democratizar o acesso da criança à cultura do livro e da leitura, esta última entendida como "um

privilégio das classes dominantes”, no dizer de Soares (1995, p. 34), que completa: “sua apropriação [da leitura] pelas classes populares significa a conquista de um instrumento imprescindível não só à elaboração de sua própria cultura, mas também à transformação de suas condições sociais”.

Não podemos deixar de considerar os importantes papéis do professor e do bibliotecário, os mais qualificados para oportunizar o acesso ao livro, sobretudo os que atuam em bibliotecas e escolas públicas. Assim, acreditamos que esses profissionais devem ter a leitura – especialmente a literária – presente em sua rotina, desenvolvendo competências relacionadas a formação de leitores. Mas dentro de um contexto educacional como o nosso, em que as pesquisas apontam número incipiente de leitores e bibliotecas, perguntamos: como formar leitores?

É em torno dessa indagação que elaboramos este estudo, relatando algumas experiências bem-sucedidas das escolas e bibliotecas da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), por meio do trabalho da Gerência de Mídia-Educação (GME), bem como organizando alguns pressupostos sobre o processo de mediação de leitura como essencial à formação de leitores. Nesse sentido, a atuação de professores e bibliotecários será capital.

2. OBJETIVOS

Nosso objetivo geral é apresentar diferentes possibilidades de formação de professores e bibliotecários como mediadores de leitura literária, desdobrando-se em três especificidades:

- exemplificar ações de mediação de leitura literária vivenciadas nas escolas e bibliotecas da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro;
- apresentar ações de formação continuada de professores e bibliotecários como mediadores de leitura: oficinas de leitura, eventos do universo literário, clube do livro e encontros para troca de experiências;
- reconhecer o professor e o bibliotecário como os profissionais mais qualificados para a mediação de leitura com crianças, jovens e adultos.

3. METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, uma vez que esta abordagem apresenta “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA, 2005, p.20).

Em relação à natureza, a pesquisa é aplicada, pois de acordo com SILVA (2005, p.20), seu objetivo é “gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos”. Além disso, seus objetivos são exploratórios, já que visam “proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito (...); envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos” (GIL, 1991, p. 27).

Para responder ao objetivo geral, fizemos levantamento bibliográfico para subsidiar as discussões sobre leitura literária e os papéis profissionais do professor e do

bibliotecário. Atendendo aos desdobramentos, coletamos dados das unidades escolares e bibliotecas da SME-RJ e partimos para a análise.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Consideramos a produção de pesquisadores-referência no campo da leitura e literatura, como Reyes, Castrillón, Colomer e Cagliari. Além disso, recorremos a Nóvoa e Freire para tratar de questões pedagógicas. Como inspiração literária (e também teórica, já seu papel de educador perpassa sua escritura), trouxemos Bartolomeu Campos de Queirós, que afirmava que é preciso ter-se “‘hálito’ da leitura” se o que se deseja é formar leitores. Com base no levantamento bibliográfico realizado e nas leituras decorrentes da atividade, apresentamos concepções de leitura que se vêm discutindo atualmente, aspectos que envolvem a formação de leitores e processos de formação continuada para professores e bibliotecários.

4.1. LEITURA

A leitura é o elemento de ligação entre o indivíduo e a informação, na nossa sociedade, grafocêntrica. É ferramenta básica da comunicação e “passaporte” para construir conhecimentos, envolvendo elementos sensoriais, emocionais, cognitivos, neurológicos, culturais, econômicos e políticos.

Freire (1989, p. 13) define o ato de ler como algo amplo, não apenas decodificação mecânica de signos; antes uma ação interativa na qual autor e leitor dialogam e texto e contexto caminham juntos, pois “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

Martins (1986, p. 38) retoma o assunto, definindo o conceito como “processo de formação global do indivíduo”, com mistérios e sutilezas, além da “simplicidade que os letrados não se preocupam muito em revelar”. Além disso, a autora diz ser necessário haver uma relação sensorial e com o cognitivo do sujeito para que a leitura tenha sentido, já que ser alfabetizado, em sua opinião, não garante ao indivíduo cumprir a verdadeira função da leitura nem sua condição de leitor.

Castrillón (2011, p. 16) amplia o conceito, tratando-o como direito histórico e cultural e, portanto,

político, que deve situar-se no contexto em que ocorre. Historicamente, a Leitura tem sido um instrumento de poder e de exclusão social: primeiro nas mãos da Igreja, que garantia para si, por meio do controle dos textos sagrados, o controle da palavra divina; em seguida, pelos governos aristocráticos e pelos poderes políticos e, atualmente, por interesses econômicos que dela tentam se beneficiar.

Assim, compreendemos a relevância de se conceituar leitura para tratarmos das suas diferentes práticas sociais. Lemos como diversão, para informação, para aprender a fazer uma comida ou montar um equipamento. Como diz Cagliari (1994, p. 149), “ler é um processo de descoberta, como a busca de um saber científico”, que pode requerer “um trabalho paciente, perseverante, desafiador”, ou ser “superficial, sem grandes pretensões, uma atividade lúdica”.

Nesse contexto, trazemos à luz o nosso foco de estudo, a leitura literária que,

diferentemente da leitura de textos de outras dimensões discursivas, caracteriza-se por uma forma de envolvimento com o texto, que produz conhecimento e prazer, por ser ela uma experiência artística. [...] O tipo de conhecimento que ela produz não se esgota numa única leitura, e esse interesse renovado pelo texto literário pode ser explicado por ser ele capaz de nos fazer compreender quem somos e por que vivemos, mesmo que sob a forma de indagações. (MACHADO; CORRÊA, 2010, p. 126)

Então, entendemos que essa ocorrência possui natureza artística e preza, geralmente, pelo prazer da fruição estética. Reyes (2011, p. 87) diz-nos que ela pode ser também espaço de diversidade cultural e temática, ao permitir que se expressem ideias de diferentes modos, em vários meios/suportes, e se vivenciem emoções que nos fazem explorar experiências, sonhos e segredos. Paiva (2006, p.25) afirma que a leitura literária “estimula nossa percepção a romper com o automatismo da vida cotidiana”. Pode até mesmo ser subversiva, como diz Cademartori (*apud* OLIVEIRA, 2010, pp. 41-42):

A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o por intermédio do ponto de vista do narrador ou do poeta e manifesta no fictício e na fantasia um saber sobre o mundo, oferecendo ao leitor modos de interpretá-lo. A literatura é um veículo do patrimônio cultural da humanidade e se caracteriza pela proposição de novos conceitos que provocam uma subversão daquilo que está estabelecido.

Algumas iniciativas vêm sendo implementadas para estimular a leitura além de contextos escolares. Uma delas é o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), política de Estado instituída pelo MinC e MEC, que defende a leitura como direito social, garantido “através do fortalecimento do Sistema de Bibliotecas Públicas” (BRASIL, 2006, p.5), sendo necessário

[...] assegurar e democratizar o acesso à leitura e ao livro a toda a sociedade, com base na compreensão de que a leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis na época contemporânea para que o ser humano possa desenvolver plenamente suas capacidades, seja no nível individual, seja no âmbito coletivo. (BRASIL, 2006, p. 25)

4.2. O PROFESSOR MEDIADOR DE LEITURA

O professor atua em um espaço muito especial. A sala de aula é o ambiente em que se convive durante muito tempo, tratando não apenas de “conteúdos escolares”. A escola básica é espaço para aprendizagens de diversas naturezas, como o código escrito, o raciocínio matemático, as ciências da natureza e a relação do homem com o espaço. Lado a lado com esses muitos conceitos, crianças e jovens crescem, trocam afetos, compartilham experiências – e aprendem também a se relacionar com o conhecimento. No caso da escola pública, o professor assume um papel especial, pois uma das principais qualidades da instituição é “a possibilidade de instaurar narrativas partilhadas e culturas de diálogo” (NÓVOA, 2014, p. 10).

Considerando que o domínio das competências da língua é uma das principais habilidades a serem conquistadas na escola, é natural que desde cedo os estudantes se deparem com textos literários ou não em sua rotina – transcendendo a divisão curricular. Em relação à leitura de literatura, nosso foco de análise, há bastante tempo os professores a inserem em suas aulas, promovendo com rodas de leitura e de conversa sobre livros, contação de histórias, recriação de textos, leitura livre etc. (MACHADO; CORRÊA, 2010, pp. 109-110). Mas infelizmente nem todas as intervenções são positivas, como nos alerta Pimenta (2017, p. 1), ao dizer que “a presença dos livros literários está muitas vezes ligada ao ensinar, ao reforçar ou ilustrar um conteúdo”.

Isso pode decorrer de muitos fatores, entre eles os apontados por Oliveira (2010): a história de leitura do professor e sua qualificação profissional. Muitos desses profissionais podem representar gerações que pouco (ou nenhum) contato com os livros tiveram na infância, além de, provavelmente, fruto de formação inicial/continuada deficiente. Por isso, é preciso que o professor atue como “mediador entre os objetos e eventos culturais que devem estar a seu alcance, para que possa (...) conhecer e dar a conhecer às crianças aspectos da cultura” (OLIVEIRA, 2010, pp. 50-52), sendo ele próprio um usuário assíduo da literatura.

Reyes (2011) reforça a importância da leitura de literatura, mostrando que ela nos permite refletir sobre valores (p. 92); ajudar a construir sentidos. (p. 81); oferecer emoção estética que explore experiências, sonhos e segredos (p. 90); e estimular o desejo de “explorar o território da realidade” por meio da fantasia (p. 74). Além disso, para a especialista, o texto escrito ajuda a criança a pensar no funcionamento da linguagem (p. 73). Tudo isso pode ser feito sem se didatizar toda e qualquer obra literária. Não que o texto não possa servir à análise linguística, mas é preciso dissociar os momentos de sistematização da língua daqueles em que se experimenta a fruição.

Encontramos em uma crônica de Bartolomeu Campos de Queirós, referência em estudos de literatura infantil e formação de mediadores de leitura, um episódio de sua infância que certamente o moldou em suas aprendizagens – evento em que a ação do professor foi marcante:

No fim de cada aula a professora mandava a gente guardar os objetos. Então, com os braços cruzados sobre as carteiras escutávamos mais um pedaço da história que ela lia com a voz mais linda do mundo. Se velho ou novo, não importava, queríamos o livro emprestado para reler, esperávamos ansiosos cada aula, cada fim de livro, cada início de outro. (...) Esta professora simples não pedia para a gente fazer ficha dos personagens das histórias, não mandava desenhar pedacinhos que a gente mais gostou, não fazia ditado ou dramatização. Um livro terminado só servia para começar outro. A gente gostar da história era suficiente para ela. Livro passou a ser para mim um objeto importante: eu vivia ali, mas podia estar lá. (QUEIRÓS, 2014, p. 38)

Assim, defendemos que o professor atue na valorização do livro, que “promove a socialização, a informação, a formação de opinião e o desenvolvimento da capacidade criadora e inventiva sobre temáticas dos mais variados contextos” (OLIVEIRA, 2010, pp. 50-52), já que a leitura é obra aberta, cabendo ao leitor nela interferir de acordo com seu mundo interior (CAGLIARI, 1994, p. 151).

4.3. O BIBLIOTECÁRIO MEDIADOR DE LEITURA

O bibliotecário atua em espaço privilegiado. Segundo Sandroni e Machado (1987, p. 29), a biblioteca é “um espaço onde os leitores podem experimentar, testar os livros sem que a leitura seja imposta, sem intenção pedagógica, se propondo a uma escolha ampla e gratuita”. Albernaz (2009, p. 40) afirma que, hoje, a informação é um bem fundamental e quem não a domina ou não sabe selecioná-la é excluído socialmente. Assim, “as informações podem ser caminhos ou muralhas, e é função da biblioteca facilitar a leitura, não importa em que suporte ela se apresente”.

A biblioteca deve promover ações de leitura de todos os tipos de materiais (livros, folhetos, jornais, HQ); na tela do computador e outros dispositivos; e, principalmente, de livros literários, pois será o encantamento que levará o leitor à prática de leitura, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Formar leitores [...] requer [...] condições favoráveis para a prática de leitura - que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois [...] o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (BRASIL, 1997, p. 43).

Castrillón (2011, p. 38) reforça essa proposição, ao dizer que são necessárias bibliotecas que se empenhem em fomentar “o interesse e o gosto pela leitura, que permitam a descoberta do valor que ela tem como meio de busca de sentido, como referência de si mesmo no mundo e para o conhecimento do outro”. Para que isso aconteça, é preciso haver “um bibliotecário leitor. Crítico e reflexivo. Leitor da realidade e leitor de livros que o ajudem a ler essa realidade” (CASTRILLÓN, 2011, p. 46-47).

Muitas vezes a imagem e autoimagem desse profissional se associam à do “guardião de livros”. Não é raro encontrar bibliotecários que se preocupam mais em realizar o processamento técnico e “colocar o livro na estante” do que realizar atividades de promoção de leitura e “retirar o livro da estante”, deixando de ser “o gerente da informação”, que “se fixou durante décadas no Século XX como classificador e catalogador de livros” (MILANESI, 2002, p. 12).

Colomer (2007, p.13) acredita que um bom livro se abre como um "mapa cheio de pistas para construir seu leitor, levar-lhe pela mão em direção a terrenos cada vez mais complexos e exigir-lhe que ponha em jogo maior experiência de vida e de leitura", concordando com Cabral (2009, p.51), que questiona: será o bibliotecário aquele que vai decifrar o mapa e possibilitar a chegada do livro às mãos do leitor que frequenta ou é um potencial leitor da biblioteca?

Segundo as diretrizes da *International Federation of Library Associations* (IFLA, 2003), os bebês e crianças do pré-escolar também devem ser considerados público das bibliotecas. Para isso, é ideal que haja bibliotecários especializados, empenhados e com formação adequada, desde a graduação.

Atualmente “a sociedade global e as exigências da era da informação estão a alterar o papel das bibliotecas, sublinhando o seu valor, bem como o das tecnologias de informação e comunicação” (IFLA, 2003). É preciso que o bibliotecário realize a mediação de leitura através dos diversos suportes e aparatos tecnológicos para atingir o “navegador” atual, que já faz parte de uma geração acostumada com esses recursos.

Mas para que o bibliotecário atue como mediador de leitura é preciso, antes, que seja leitor, já que “é imprescindível que os que formulam e aplicam os projetos de estímulo à leitura estejam embebidos desse convívio íntimo e entusiasmado com textos literários” (MACHADO, 2012, p. 61), pois “o bibliotecário que não lê se castra consciente ou inconscientemente. Não avança e não promove conhecimento” (BARROS, 1986, p. 34). Uma vez que na matriz curricular do curso de Biblioteconomia não há muitas disciplinas contendo a leitura como temática central, é preciso que o próprio bibliotecário se empenhe na busca de qualificação além de sua formação basilar.

5. CONTEXTO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO RIO DE JANEIRO

Atualmente, a Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro atende a cerca de 650 mil alunos de diferentes níveis do Ensino Fundamental – da Educação Infantil à EJA – e conta com aproximadamente 41 mil professores, constituindo-se como a maior rede de ensino da América Latina, como retrata a tabela:

Tabela 1: Total de unidades por tipo de atendimento

Total de unidades por tipo de atendimento							
	EDI - unidades de Educação Infantil	Primário (1º segmento)	Ginásio (2º segmento)	Unidades com mais de um segmento	Educação Especial Exclusiva	EJA Exclusiva	Total
Rede	528	598	269	129	10	3	1.537

Fonte: <http://www.rio.rj.gov.br/igstatic/69/43/71/6943715.png>

Todas as unidades contam com acervo de literatura específico para sua comunidade. Além disso, praticamente todas – exceto creches e pré-escolas – possuem Sala de Leitura (SL) e professor regente. A criação deste espaço de leitura data de 1985, como alternativa às salas de multimeios e bibliotecas escolares, e sua proposta foi ressignificada sete anos depois:

Em 1992, as Salas de Leitura passaram a se organizar em Salas de Leitura Polo e Salas de Leitura Satélites. As Salas de Leitura Polo são responsáveis pela irradiação, multiplicação e acompanhamento das orientações do trabalho [...] para as demais Salas de Leitura, denominadas Satélites. (RIO DE JANEIRO, 2007, p. 9)

Atualmente, há 30 Salas de Leitura Polo (SLP), divididas entre as 11 Coordenadorias Regionais de Educação (CRE). Esses espaços contam com três professores e acervo maior que as demais salas. O trabalho foi assegurado por uma resolução, que regulamentou a função do espaço e as ações dos profissionais.

com a publicação da Resolução SME nº. 560, foram definidas as atribuições do Professor Regente de Sala de Leitura e as diretrizes para a organização do trabalho. Consolidava-se, assim, a concepção da Sala de Leitura como estrutura integrada às práticas desenvolvidas nas salas de aula, no contexto do PPP de cada Unidade Escolar. (RIO DE JANEIRO, 2007, p. 9)

Outro instrumento difusor de leitura na Rede são as 15 Bibliotecas Escolares Municipais (BEM), oriundas da Secretaria Municipal de Cultura (SMC), através do Decreto nº 33.444 (2011), que as fez a integrar a rede da SME-RJ (OLIVEIRA, 2012). As atividades nas BEM envolvem leitura de histórias para estudantes e outros frequentadores, rodas de leitura, leituras dramatizadas, atividades artísticas e culturais, sessões cineclubistas e cursos diversos. As ações são divulgadas em blog institucional.

6. FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES E BIBLIOTECÁRIOS

A Gerência de Mídia-Educação (GME) atua, desde 2001, no Nível Central da SME-RJ, organizando as ações de leitura da Rede. Para oferecer formação continuada a seus profissionais, a GME criou o programa *Rio, uma Cidade de Leitores* (RIO DE JANEIRO, 2010), com objetivo de disseminar a cultura leitora, desde a mobilização de professores e alunos à articulação de escolas e bibliotecas com as comunidades de seu entorno. O programa foi planejado para se basear nos eixos “ampliação e melhoria de acervos; formação de mediadores de leitura e ações culturais de estímulo à leitura” (RIO DE JANEIRO, 2010). Para alcançar os resultados esperados, traçaram-se várias ações.

6.1. OFICINAS DE LEITURA

Consideramos “oficinas de leitura”, neste estudo, todas as atividades organizadas em torno do texto literário, compreendendo leitura e produção.

6.1.1. Usina de Oficinas

A ação objetiva formar professores de SLP e bibliotecários. Apesar da base teórica, envolvendo estudo de textos de referência, os encontros primam pela articulação teórico-prática de aspectos essenciais à mediação da leitura literária. Optou-se pela participação das SLP por elas serem responsáveis pelo desdobramento com as demais SL. Esses encontros, com caráter de formação continuada, abordaram desde efemérides (450 anos do Rio de Janeiro, Copa do Mundo, Olimpíadas) a temas gerais (estudo da perigrafia do livro, práticas circulares de leitura literária, dinamização de acervo sobre literaturas indígena e africana). As oficinas têm, normalmente, caráter lúdico e perpassam gêneros discursivos diversos (sobretudo os literários), inspirando os professores/bibliotecários a ofertar a experiência aos estudantes. A equipe da GME se encarrega da produção dos materiais teóricos e práticos para o acervo do professor.

6.1.2 Poesia EnCena/Poesia na escola

Os projetos de poesia da Rede acontecem em dois momentos: no curso *Poesia EnCena* e no concurso *Poesia na escola*. O *Poesia EnCena* objetiva apresentar os profissionais às diversas modalidades de poesia, por meio da leitura de poemas e oficinas de práticas interpretativas, sensibilizando os participantes no entendimento dos variados processos poéticos, em oficinas ministradas uma por arte-educadora. Assim, deseja-se preparar o profissional para incentivar seus pares e os estudantes para

participar do concurso *Poesia na escola*, estimulando-os a produzir textos (que, selecionados, compõem, anualmente, coletâneas de poesia).

6.1.3. Produção escrita para alunos e profissionais

Outros concursos de produção escrita são promovidos pela GME, como a Maratona Escolar Grandes Autores, em parceria com a Academia Brasileira de Letras (ABL), que a cada ano elege um imortal a ser homenageado. Os estudantes escrevem textos sobre a vida e a obra do homenageado. Há uma seleção e os melhores textos são premiados em cerimônia na própria ABL. Estudantes e orientadores ganham prêmios e certificados, além da oportunidade de conhecer um acadêmico. Os professores e bibliotecários também têm chance de participar de concursos de redação. Um deles, “Minhas Memórias Literárias”, reuniu textos sobre a formação desses profissionais como leitores. Assim, belos registros compuseram uma coletânea, em 2015. Dez trabalhos selecionados foram premiados com ida à Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). Como desdobramento do concurso, a escritora Ninfa Parreiras propôs um curso de criação literária para os autores da coletânea. O curso aconteceu em duas edições: na primeira (2016), o produto final foi uma coletânea de haikais, **Janela Poética** (PARREIRAS, 2017), lançado na Festa Literária de Santa Teresa (FLIST), no Rio de Janeiro; na segunda (2017), está-se organizando uma coletânea de minicontos.

6.2. EVENTOS RELACIONADOS AO UNIVERSO LITERÁRIO

Um dos eixos do programa *Rio, uma Cidade de Leitores* prevê a participação de professores e bibliotecários em eventos literários, para aumentar seu repertório cultural. Alguns desses eventos decorrem de parcerias externas, como o *Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens*. Neste, especificamente, os profissionais participam: em visita, com entrada franca; acompanhando a visita escolar; gerenciando a compra (custeada pela SME-RJ) de livros para sua unidade; participando gratuitamente do Seminário Bartolomeu Campos de Queirós como ouvintes ou palestrantes, bem como de outras atividades literárias. (Até 2015 os profissionais participavam, também, da Bienal Internacional do Livro, em moldes semelhantes aos do Salão.) Em mais de cinco anos, o programa também promoveu a ida de diversos grupos à FLIP, como premiação dos vencedores/finalistas dos concursos *Escola de Leitores*, *Relatos e Resenhas da Biblioteca do Professor* e *A Escola vai à Biblioteca e A Biblioteca vai à Escola*. Além disso, incentiva-se continuamente a participação dos profissionais em outras festas literárias, para permitir-se o desenvolvimento como leitor.

6.3. BIBLIOTECA DO PROFESSOR E CLUBE DO LIVRO

No início da implantação do programa *Rio, uma Cidade de Leitores*, verificou-se a necessidade de os professores terem um acervo bibliográfico pessoal de qualidade. Assim, criou-se a “Biblioteca do Professor” (de 2009 a 2013, com edição especial em 2015). A GME elaborou edital de seleção de livros de literatura publicados pelas editoras interessadas em comercializar os títulos. Os livros, após criteriosa seleção, eram listados em uma plataforma para os professores escolherem seus preferidos em votação

online. As obras vencedoras (literatura nacional e estrangeira) eram enviadas para as escolas, para que os professores incluíssem os títulos em sua coleção particular - mais de trinta exemplares, no total. Perto do Dia do Mestre, os professores recebiam um *voucher* para comprar o livro de sua preferência, em livrarias conveniadas.

Em 2018, a GME promoverá o *Clube do Livro*, que vai reunir os profissionais em uma rede social para realizar uma roda de leitura virtual com as obras do acervo da “Biblioteca do Professor”. Deseja-se que a ação envolva leitura individual e compartilhada e roda de comentários sobre os livros, bem como outros desdobramentos - vídeos relacionados, dramatizações, link externo etc.

6.4. ENCONTRO ANUAL DE PROFISSIONAIS

O “Encontro anual de professores de Sala de Leitura e Bibliotecários” acontece desde 1990. (Inicialmente chamava-se “Imagem, meio e reflexo”, passando a receber o nome atual em 2009.) Configura-se como momento rico em aprendizado e oportunidade de troca de experiências entre os profissionais da Rede e especialistas convidados, como o historiador francês Roger Chartier, que na edição de 2013 falou da formação de leitores utilizando os diferentes suportes de escrita que temos hoje. Outras presenças memoráveis ocorridas no evento foram Roger Melo, Nilma Lacerda e Ondjaki.

6.5. REUNIÃO MENSAL DE BIBLIOTECÁRIOS

Um recente levantamento bibliográfico evidenciou o quão pouco a temática da mediação de leitura é tratada no universo da Ciência da Informação (OLIVEIRA, 2017). Desde 2012, a partir da observação das dificuldades dos bibliotecários em se adaptar ao novo modelo de BEM, a GME passou a realizar reuniões mensais com temas ligados às práticas administrativas, técnicas ou pedagógicas. Realizaram-se também visitas técnicas em outras bibliotecas, públicas ou institucionais, com objetivo de vivenciar realidades diversas. Essas reuniões tomaram perfil de formação continuada, com a participação de diversos profissionais que, em palestras e oficinas, ajudaram a refletir sobre a prática biblioteconômica. Tematizaram-se questões como descarte, sistema de acervo, utilização das mídias sociais e utilização do recurso recebido pelas bibliotecas do Sistema Descentralizado de Pagamento, verba institucional. Porém, o momento mais significativo foram as Oficinas Literárias (sobre poesia, práticas de leitura, leitura dramatizada e técnicas artísticas), muitas feitas em parceria com a SMC, oportunizando constante troca de saberes. Algumas reuniões aconteceram durante eventos como o Salão FNLIJ, em datas comemorativas como o Dia do Bibliotecário e na avaliação final.

CONCLUSÃO

O objetivo principal desta pesquisa foi apresentar diferentes possibilidades de formação de professores e bibliotecários como mediadores de leitura literária. Para isso, utilizamos pesquisa de abordagem qualitativa, na qual enumeramos as ações empreendidas pela SME-RJ, no âmbito da Gerência de Mídia-Educação.

Em nossas reflexões, que também levaram em conta conceituações fundamentais sobre leitura, leitura literária e os papéis profissionais do professor e do bibliotecário, percebemos como faz diferença a formação inicial e continuada dos que tratam, em seu trabalho, dos processos de mediação de leitura literária. Para isso, é necessário que se estabeleça um compromisso institucional com esses profissionais, oferecendo-lhes oportunidade de participar de eventos relacionados à cultura do livro, de enriquecer seu acervo bibliográfico, de compartilhar conhecimentos com seus pares e de fazê-lo, principalmente, leitor, para que seu “hálito de leitura” exale em seu cotidiano, de forma que teoria e prática caminhem juntas, em processo de reflexão constante. Assim, corroboramos Nóvoa (2007), quando diz que

Não é a prática que é formadora, mas sim a reflexão sobre a prática. É a capacidade de refletirmos e analisarmos. A formação dos professores [e dos bibliotecários] continua hoje muito prisioneira de modelos tradicionais, de modelos teóricos muito formais, que dão pouca importância a essa prática e à sua reflexão. (NÓVOA, 2007, p. 16)

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Maria Beatriz. **Sete desafios da Biblioteca Escolar**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2009.

BARROS, Maria Helena. “O bibliotecário e o ato de ler”. In: SILVA, E.T. **O bibliotecário e a análise dos problemas da leitura**. Campinas: Mercado Aberto, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **PNLL: Plano Nacional do Livro e da Leitura**. Brasília: Ministério da Cultura, 2006.

CABRAL, Marcia. **Leitura: histórias e histórias**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 7 ed. São Paulo: Scipione, 1994.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**. São Paulo: Global, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

INSTITUTO BRASIL LEITOR. **Contribuições da interação entre o ler e o brincar para os processos de aprendizagem da criança, nos aspectos sociocognitivos.** São Paulo: Barra Funda, 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 4.** São Paulo: IPL, 2015. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em 08 ago. 2016.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Diretrizes para serviços de bibliotecas para crianças.** Haia: IFLA, 2003. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/libraries-for-children-and-youth/publications/guidelines-for-childrens-libraries-services-pt.pdf>>. Acesso em 25 set. 2016.

MACHADO, Ana Maria. “Sangue nas veias”. In: INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil 3.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2012. Disponível em: <<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/RetratosDaLeituraNoBrasil3-2012.pdf>>. Acesso em 01 ago. 2015.

MACHADO, M^a Zélia.; CORRÊA, Hércules. “Literatura no ensino fundamental: uma formação para o estético”. In: RANGEL, E.; ROJO, R. (Coord.). **Língua Portuguesa: ensino fundamental.** Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é a leitura.** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MILANESI, L. A formação do informador. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 7-40, jan./jun., 2002. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1694/1445>>. Acesso em 15 abr. 2017.

NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo.** Livreto da palestra proferida no Sindicato dos Professores de São Paulo, em outubro de 2006. São Paulo: Via Imprensa Design Gráfico, 2006. Disponível em: <http://www.sinpro.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em 10 jan. 2018.

_____. **Educação 2021 - Para uma história do futuro.** Educação, Sociedade & Culturas, da Universidade do Porto, n° 41, 2014, pp. 171-185. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC41_A_Novoa.pdf>. Acesso em 03 nov 2017.

OLIVEIRA, Ana Arlinda. “O professor como mediador das leituras literárias”. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (Coord.). **Literatura: ensino fundamental.** Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2010.

OLIVEIRA, Cilene. **Bibliotecas escolares municipais do Rio de Janeiro: histórico.** Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://bemrij.blogspot.com.br/p/historico.html>>. Acesso em 30 abr. 2017.

_____. **O comportamento leitor dos alunos de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.unirio.br/ppgb/arquivo/cilene-alves-de-oliveira>>. Acesso em 05 nov. 2011.

PAIVA, Aparecida. “Como trabalhar o texto literário na sala de aula?”. In: _____. **Literatura e leitura literária na formação escolar**. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

PARREIRAS, Ninfa. **Janela poética**: haikais. Rio de Janeiro: Edigráfica, 2017.

PIMENTA, Eliane Machado. **Qual o lugar da literatura na escola?** MultiRio. Interações Pedagógicas. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com_mr_chamada_materia&task=download&format=raw&id=12769>. Acesso em 03 nov. 2017.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. “O professor deve ter ‘hálito’ de leitura”. Entrevista para a Revista Presença Pedagógica, v. 13, n. 78, nov./dez. 2007, pp. 5-9.

_____. **Contos e poemas para ler na escola**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária**. 1 ed. São Paulo: Global, 2011.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Educação em números**. Rio de Janeiro: SME, 2017. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/educacao-e-m-numeros>>. Acesso em 3 nov. 2017.

_____. **Multieducação**: Sala de Leitura. 2.ed. Rio de Janeiro, SME, 2007.

_____. **Rio, uma Cidade de Leitores**. Rio de Janeiro: SME, 2010. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?id=125575>>. Acesso em 27 nov. 2017.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz R. (org.). **A criança e o livro**: guia prático de estímulo à leitura. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf>. Acesso em 20 maio 2015.

SILVA, Márcia Cabral; MARTINS, Milena Ribeiro. “Experiências de leitura no contexto escolar”. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (Coord.). **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2010.

SOARES, Magda Becker. “Comunicação e expressão: o ensino da leitura”. In: ABREU, Márcia. (Org.). **Leitura no Brasil**: antologia comemorativa pelo 10.º COLE. Campinas: Mercado Aberto, 1995.